

Para ninar uma dor e outras crônicas

Elis Franco

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

A inveja nossa de cada dia

É verdade que a inveja é também uma dor que nos perturba ao contemplarmos o sucesso alheio.

Aristóteles

Não há, talvez, ofensa maior do que a de sermos chamados de invejosos. Entre os sete pecados capitais que fazem parte da doutrina católica, lá está ela desfilando com a soberba, a avareza, a ira, a gula, a luxúria e a preguiça. É muito difícil para nós assumirmos esse vício. A inveja é sempre do outro e nunca nossa. Somos aqueles e aquelas com variados defeitos, contudo, dizer-se invejoso requer uma coragem que não temos, pois é uma autoacusação nada desejada.

No Livro II da *Retórica*, o filósofo Aristóteles diferencia inveja de emulação. Segundo ele, o ser invejoso sofre não por desejar ter o que o outro tem ou ser o que alguém é, mas somente por não aceitar que o outro seja ou tenha. Já na emulação há, de fato, um sofrimento por não ter conquistado aquilo que a outra pessoa conquistou, e não importam os motivos pelos quais alguém torna-se bem-sucedido no que faz.

Ainda de acordo com o filósofo, a inveja seria um sentimento desprezível, praticado por pessoas desprezíveis, enquanto a emulação, em alguma medida, é aceitável, pois é o resultado de uma frustração diante de algo não concretizado. Pensando nas ideias aristotélicas, é fácil identificar as vezes em que os dois sentimentos nos afetaram ao longo da vida. E eu sempre digo que não podemos ser acusados pelo que sentimos, mas pelo que fazemos com o que sentimos.

As redes sociais estão repletas de invejosos incapazes de reconhecerem-se como tal. Eles seguem as pessoas apenas para observar o que acontece e retroalimentar sua inquietude diante de quem põe a vida para andar. Não aplaudem uma conquista, não elogiam as vitórias. São espíões e, se vacilar, capazes de julgar como indignas as conquistas alheias.

E se somos formados por vícios e virtudes, somos capazes de inveja. Com jeitinho, podemos identificá-la e encontrar um modo de lidar com ela que não seja o de puxar o tapete ou invalidar o que o outro constrói, já que, ao final, às vezes quem tem sido invejado nem sabe que nós existimos. Somos nós que nos envenenamos com nosso próprio veneno.

Feira de Santana, 12 de outubro de 2021

Queremos conversar ou convencer?

*Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para concertar
o concertado. Mas cada um só vê e entende
as coisas dum seu modo.*

Guimarães Rosa

Ai, minha gente! Que bom que envelhecemos e, à vezes, amadurecemos. O tempo passa, aprimoramos as ideias e, de repente, damos-nos conta do quanto fomos ingênuos ao acreditar que tínhamos a chave da verdade nas mãos. Em quantas tretas nós entramos não para dialogar, mas para debater no sentido mais ferrenho do termo? Quantas vezes nos indisparamos por tentar empurrar guela abaixo nossas opiniões?

Alguns, com certeza, já se meteram até a cabeça em discussões acaloradas por causa de uma ideia a ser defendida. Hoje, após experiências e leituras, tento agir – ainda que não consiga sempre, pois existem aquelas bênçãos que nos tiram do sério – de acordo com o que nos ensinou o velho Sócrates: só diálogo com quem está disposto a parir ideias; a conversar

e não simplesmente a convencer. Não entro em diálogo com surdos intencionais.

Sim, meu povo, significativa parcela dos debates nas redes sociais, rodas de conversa, reuniões de famílias e em tantos outros lugares é apenas um duelo de egos, várias vezes com argumentação superficial e, nesse caso, a incapacidade de ouvir e refletir sobre uma visão diferente da que se tem ainda é maior. Não fomos educados para lidar com o dissenso, não fomos preparados para expressar o que pensamos sem que houvesse a necessidade de vencer a batalha.

Diante de tantos embates nas redes sociais, eu tenho buscado não cair em tentação ao visualizar vídeos e comentários com os quais não concordo. Quando algo destoa do que acredito, eu procuro mais informações, caso seja algo que eu não domine, ou xingo mentalmente a outra pessoa, rolo o dedinho e sigo em paz.

Meus posicionamentos estão em minhas redes, não para persuadir quem quer que seja a acreditar, mas apenas para que saibam como penso, se é que estão interessados em saber. Eu me maieutifico somente diante de quem quer se maieutificar. O resto que se dane em seu canto!

Feira de Santana, 14 de outubro de 2021

Eu sou o inferno de alguém?

Os seres humanos não são perfeitos, mas são perfectíveis.

Leandro Karnal

Falar em inferno a gente fica logo com medo, eu sei. Mas é que me lembrei da frase de Sartre “o inferno são os outros”, proferida por uma das personagens da peça *Entre quatro paredes*, ao considerar o quanto necessitamos da validação e legitimação alheias para nos reconhecermos como alguém. E como somos sujeitos de acertos e erros, o outro pode ser para mim o caminho da condenação, haja vista que fará de mim juízo de valor a partir do que eu faço ou deixo de fazer. Ou seja, mesmo sendo fundamental para a minha constituição, o outro é o incômodo com o qual devo conviver.

Depois veio Valter Hugo Mãe, em seu belo livro *A desumanização*, cujo trecho deixo a seguir: “O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti”. Eu acho isso de uma beleza imensurável, pois devolve a nós a confiança na

humanidade. Não dá mesmo para viver sem crer que relações saudáveis são possíveis. E, certamente, há muitos outros que são, de fato, nosso paraíso.

Mas a pergunta que não quer calar é: Eu sou o inferno de alguém? Questionar-se sobre isso nos retirará a ideia de que somos os bonzinhos da história, aqueles e aquelas perseguidos e injustiçados. Não, minha gente, não somos. É muito difícil passar pela vida sem ter, em algum momento, sido o inferno de alguém, ainda que de forma não intencional. Pais são, muitas vezes, infernos para os filhos; professores para estudantes; patrões para empregados; amados para amantes. É um sem fim de fogo e enxofre despejados nas pessoas as quais, inclusive, podemos amar.

Então, talvez seja interessante pensarmos que “O inferno somos nós”, como nos fizeram refletir Leandro Karnal e Monja Coen. Todos... Essa compreensão pode nos levar a tentar, de algum modo, perceber que não há possibilidade de sociabilidade entre quem está em constante estado de guerra e afronta. Assim, quem sabe, haverá esforço para sermos o paraíso de alguém, começando pelos mais próximos e gerando uma harmonia que, mesmo sendo utópica, alimentará nossa esperança em um mundo mais habitável.

Feira de Santana, 16 de outubro de 2021

A coragem de não prestar

Quando você busca o reconhecimento alheio e só se preocupa com o julgamento que vão fazer de você, acaba vivendo a vida das outras pessoas.

Ichiro Kishimi e Fumitake Koga

Por muito tempo eu me incomodei bastante com o que as pessoas pensavam e/ou falavam sobre mim. Hoje, já não ligo tanto para isso, sobretudo porque não perco meu tempo com quem não merece minha energia e evito esperar de quem quer que seja algum tipo de aceitação. Óbvio que fico contente quando sou bem acolhida por um coração qualquer deste universo, porém, essa não é a minha meta. Assim, quando fico sabendo que alguém disse que eu “não presto”, sigo meu caminho em paz.

Certa vez, ouvi Leandro Karnal dizer que, quando alguém fala algo sobre ele, se for verdade, não terá motivo para se chatear; se mentira for, não é sobre ele que a pessoa estará falando. Portanto, nos dois casos não há razão para preocupação. E no caso de “não prestar”, isso é muito subjetivo.

Às vezes, o julgamento é resultado de algo que fizemos de errado, mas nem sempre é o que ocorre. Há pessoas que nos julgam com base em uma projeção realizada de nós, a qual não temos obrigação de concretizar, e ao perceber o quanto não satisfizemos seus desejos, tomam-nos pra Cristo e saem por aí acabando com nossa reputação.

Por isso, é preciso ter a coragem de “não prestar”, se prestar significa agradar sempre, ainda que isso fira nosso modo de existir, pois, quando concentramos nosso pensar nos julgamentos que podem fazer de nós, em todos os campos de vivências, corremos o risco de viver a vida dos outros, não a nossa. E o que reforçou esse pensamento meu foi a leitura do livro *A coragem de não agradar*, cujo trecho apresento a seguir: “Exercer a liberdade tem um preço, e o preço da liberdade nos relacionamentos interpessoais é desagradar algumas pessoas”. Eu as desagradei sem pudor.

Isso é um aprendizado nem sempre fácil. Algumas leituras me auxiliam nesse processo. Mas há quem aprenda na marra, com as experiências da vida, fazendo terapia. Todos nós podemos encontrar um modo de nos libertar do peso dos julgamentos. “Não prestar” pode ser uma dádiva para a nossa existência, a paz que precisamos para não enlouquecer. E estando em paz, quem sabe, a gente busque caminhos para corrigir o que em nós, de fato, precisa ser modificado.

Feira de Santana, 21 de outubro de 2021

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em agosto de 2022.
